

TRIBUNA LIVRE

ERNESTO DE SOUZA PACHITO



A matriz da Serra

Rococó”. A palavra fazia a alegria de uma turma de alunos que tive. O que seria isso? O cacarejo de uma ave rouca? Ou os trejeitos de um mestresala cheio de pó-de-arroz, com sua casaca de relevos acetinados, cumprimentando uma porta-bandeira numa cidade bela, mas que pode ser vista como decadente e que foi, outrora, centro do “Império”? Fico atônito com o que acontece com o Rio de Janeiro. Que não merece isto.

Certamente, segundo os austeros pioneiros do modernismo em Arquitetura, as duas alternativas anteriores estariam corretas, muito embora o curvilíneo Oscar Niemeyer tenha deixado correr a “pena” num pirotécnico e insinuante “Sambódromo”: não dá para fazer duas Pampulhas: na Sapucaí, entre outras coisas, não esteve presente a austeridade dos painéis de Portinari representando São Francisco de Assis.

Mas há um sentido mais técnico para “rococó” (um estilo injustiçado). Última fase do barroco, típica do século XVIII, tendo o Barroco como um todo iniciado seu percurso em fins do século XVI, mais ou menos. Segundo uma fonte bibliográfica, a arte do barroco mineiro teria já nascido rococó. Tal estilo foi associado às frivolidades dos nobres ociosos do Absolutismo anterior à Revolução Francesa.

O Brasil parece não ter conhecido o barroco militante, em primícias na igreja “Il Gesù”, em Roma, ou, maduro numa “San Carlo alle Quattro Fontane”, do arquiteto Borromini, na mesma cidade. Estilo martirizado e alumbrado com visões matemáticas de infinito e labirintos de razão e sentidos.

Ao que parece, o estado do Espírito Santo não teve estilo barroco. Teve colonial. Não estou falando de altares, nem de interiores. A Igreja de Nossa Senhora da Conceição da Serra, sede, não é exceção à regra. À primeira vista pertenceria à versão rococó de tal estilo. Um mistério: tal versão não combina bem com a empreitada jesuítica no Brasil, austera.

Nessa obra, há um frontão trabalhado em curvas e volutas que se movem para a esquerda e para a direita, num jogo de teses e antíteses geométricas em número maior que o usual no nosso estado. Nas torres dos sinos, colunas em espiral (chamadas “salomônicas”, por alguns) arrematam os

seus flancos. Se tudo fosse do século XVIII ou do XVII teríamos ousadia suficiente para dizer que, se a igreja tivesse recebido trabalhos em pedra ou “estruque” em maior quantidade, não perderíamos nada para a maioria do rococó mineiro.

Enfatizo, também, a distribuição das aberturas. A igreja apresenta, em suas torres e frontão, uma sucessão de elementos bastante variada. Aliás, os elementos estão independentes demais para o espírito barroco de continuidade. Mais, a construção é clara, em termos de sua geometria, tudo sendo produto de uma hábil colagem pré-moderna, romântica, ou ainda, eclética.

A presença do “oculum” (aquela pequena janela arredondada e alta) também nas torres, o frontão principal e o arremate destas mesmas torres com pequenos frontões flamejantes fazem-me pensar que estou diante de uma manifestação de arquitetura jesuítica

de outro tipo, embora a austeridade “militar” dessa ordem religiosa ainda forme o acorde final.

Por que colagem (sem ser pejorativo)? Porque as torres foram construídas bem depois, no século XX, salvo melhor juízo. Seu ecletismo revela-se na presença de arcos de meia-volta (“plenos”) nas torres, sendo o arco colonial geralmente “abatido”.

Tal releitura do rococó em nada diminui o valor dessa obra, que é eclética, pré-moderna, repito. Alguns revitalizadores de cidades podem preferir o contraste, a pirâmide de vidro acrescentada ao Louvre, em Paris, mas o acréscimo romântico na matriz da Serra também nos agrada como exercício eclético de estilo. É algo harmônico e que acrescenta informação estética à obra original com grande sutileza.

Ernesto de Souza Pachito é professor do Centro de Artes e pesquisador da Ufes



O acréscimo romântico na matriz da Serra nos agrada como exercício eclético de estilo